

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

CLARISSA DE FRANCO (ORG.)

BÁRBARA TANCETTI • CARLOS AUGUSTO SERBENA • DURVAL LUIZ  
DE FARIA • GUSTAVO PONTELO SANTOS • JESSIANE KELLY  
NASCIMENTO DE BRITO • LUNA PEREIRA GIMENEZ • RAUL ALVES  
BARRETO LIMA • STELLA DA SILVA C. NUNES DA ROSA • VICENTE  
BARON MUSSI - & - PREFÁCIO DE LUCIANA MARTINS



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



# Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade

**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Clarissa De Franco

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia pós-junguiana e debates contemporâneos de gênero e sexualidade / Organizadora Clarissa De Franco. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0214-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.145220206>

1. Psicologia junguiana. 2. Identidade de gênero. 3. Sexualidade. I. Franco, Clarissa De (Organizadora). II. Título.

CDD 150.1954

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## PRÓLOGO

*Luciana Martins Dias e Silva*

Minha mãe me contou que quando eu nasci, meu pai teceu um casaquinho de tricô pra mim. Cresci vendo meu pai tecer, bordar, costurar, cozinhar. Ele era militar, tenente da aeronáutica e médico cirurgião ortopedista. Também vi minha mãe, professora e geógrafa, se envolver com política, discursar em palanques, beber e debater em botecos. Invariavelmente bem vestida, num estilo clássico, de saia, batom, salto alto e unhas impecáveis. Eu sempre achei tudo lindo, até tentava imitar, mas só consegui mesmo me identificar com o lado da política e dos botecos por parte de mãe, e com o lado dos artesanatos e da culinária, por parte de pai.

Disse minha mãe que sempre quis ter uma menina. E que quando eu, sua primeira e tão esperada filha nasci, ela me comprou os vestidos mais lindos, bordados, super tendências fashion da moda bebê 1976. Mas que, para sua decepção, eu gostava mesmo era de usar conjuntinhos de shorts e camisetas, de beber a água com sabão suja que saía do cano da minha banheirinha e de rolar na lama.

De lá pra cá, tenho gostado mais de beber cerveja e vinho do que água de banheira, mas pouco mudei em termos de estilo. Gosto mais de shorts do que de vestidos e babados. Tenho horror a manicure e fui um verdadeiro fracasso nas poucas tentativas de fazer aulas de balé. Devido a esse meu jeitinho delicado, passei a vida toda ouvindo de terapeutas, homens e mulheres, das mais variadas abordagens, especialmente as junguianas, que deveria ser mais feminina, agir de modo mais feminino, falar de modo mais feminino, me vestir de um jeito mais feminino. Espiritualistas me disseram que eu precisava usar mais saias para que minhas ciganas e pombagiras pudessem se manifestar. E que eu precisava me conectar ao feminino sagrado, para que a energia da Deusa pudesse se expressar.

Logo eu, que tenho Sol em Escorpião, Lua em Áries e Ascendente em Capricórnio. Fui estudar astrologia e descobri que tenho a força de Marte triplicada. Sol e Lua regidos por Marte e um ascendente que exalta Marte. E que Marte é meu almútem, senhor do meu destino. Não é à toa que sempre fui briguenta e cheia de opinião. Mas tem aquela história, que diz que os homens são de Marte e as mulheres são de Vênus, né? Pois eu era uma mulher de Marte. E agora, como ia fazer para que a deusa, a cigana e a pombagira se manifestassem? Parecia que nem os astros estavam a fim de colaborar para a expressão do meu feminino. Estaria a Deusa contra mim?

Por muito tempo me senti completamente inadequada, pouco feminina. Num primeiro contato com a psicologia junguiana, fiquei sabendo que era uma mulher possuída pelo animus. Isso me caía como um xingamento. E eu pensava, ai, menina, não vai ter jeito...

Depois de muita terapia, e de terapia para ressignificar o que me foi dito em outras terapias, me envolvi um pouco mais com os estudos de gênero, em uma pós em Sociologia, e um novo universo de entendimento e possibilidades se abriu. Mas sentia falta de ver mais destes estudos dentro da psicologia junguiana, da qual sempre gostei mas pela qual nem sempre me senti muito compreendida. E é por isso que, com alívio e prazer, me deparo com este livro, trazendo desconstruções e revisões de conceitos de gênero e sexualidade dentro da psicologia analítica. É claro que todo o trabalho de Jung e dos junguianos merece reverência, isso para mim nem está em questão, até porque tem o que Jung disse e o que foi mal interpretado, mal entendido ou distorcido a respeito do que ele disse. Mas o fato é que o mundo mudou bastante desde o século XIX e é bom poder respirar um pouco de ar renovado e não binário nestas paragens.

Que bom poder pensar sobre o feminismo decolonial e olhar para o racismo, o sexismo, à luz da teoria dos complexos culturais. Que alegria poder trazer bell hooks, a interseccionalidade e o feminismo negro ao universo junguiano, visto que entre as coisas que sempre me incomodaram no mundo junguiano estavam justamente algumas generalizações, e imposições de visões coloniais de certos grupos hegemônicos como conceitos neutros e universais. Falo isso daqui do meu lugar de mulher branca cis hetero de classe média. Salve hooks e sua visão feminista que aponta para a possibilidade de diversidade entre as mulheres (e homens) e de tolerância com o diferente.

Que importante um novo olhar para novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero, como outra forma de entender o que é masculino e feminino, desconstruindo uma lógica binária, conservadora que muitas vezes se impõe ainda que sub-repticiamente, gerando sintomas como homofobia e medo do feminino, sustentando uma forma de controle sobre os corpos, e uma norma patriarcal e capitalista, no momento de lidar com a subjetividade humana e suas múltiplas possibilidades de expressão.

Necessário poder ver a sexualidade humana como algo não linear, assim como a individuação, entendendo que por isso não pode ser explicada em termos desenvolvimentistas, como muitas vezes a psicologia analítica clássica tenta fazer em relação a homossexualidade. E buscar o desenvolvimento, sim, de um olhar que produza fissuras na heteronormatividade, dialogando com as exigências da fantasia, rompendo com a dinâmica da opressão que leva a reprodução de uma homofobia internalizada, que impede a livre circulação de Eros pelo mundo, ao invés de empurrá-lo definitivamente para fora dos armários.

E que poderoso ter uma visão que também dialogue com a sombra homofóbica, pessoal e coletiva, conduzindo à conscientização, ao reconhecimento do que foi rejeitado e reprimido, buscando integração, entendendo o discurso homofóbico no contexto de uma sociedade heteronormativa e machista. Entender que demonizar a homofobia nos impede de reconhecê-la também em nós mesmos. Levantar bandeiras nos impede de reconhecer

que pode existir dentro de nós mesmos aquilo contra o que lutamos. Afinal, aquele que exclui também pode morar, oculto, dentro de nós, e só através da integração desta parte sombria pode ocorrer a real inclusão do outro.

Finalizando, que delícia ler a respeito da psique andrógina, bissexualidade universal e sobre animus e anima enquanto arquétipos da alteridade, vistos não como opostos, mas como energias diferentes, desfazendo a noção de falta, dependência e simbiose na perspectiva de união e fusão. Ou sobre a persona, vista sob a ótica transgressora de gênero, esteticamente disruptiva, incômoda e não binária. Sobre LGBTfobia como um complexo cultural autônomo que aciona conteúdos incômodos para a coletividade, e entender como o uso inadequado e superficial da teoria junguiana, sem as devidas revisões, pode reforçar complexos culturais, como a LGBTfobia nos círculos sagrados de mulheres ou homens.

E que bela e poética compreensão por meio da imaginação encarnada, aproximando a primeira academia de mulheres, representada por Safo, a poetisa de Lesbos e as iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas, assim como ao seu direito de pertencimento a grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade.

Confesso que me senti contemplada quando, ao final do livro, encontrei ressonâncias para muitos dos meus incômodos em relação ao sagrado feminino. Nada contra, mas é que me sinto frustrada por nunca ter conseguido plantar a lua, visto que menstruava a cada seis meses e hoje tomo anticoncepcionais de uso contínuo devido a um tratamento de ovário policístico. Pensei sobre como realmente é importante e urgente discutir a simplificação dos conceitos da teoria junguiana, devido a sua popularização nos meios esotéricos. A perspectiva do sagrado não binário e o potencial da psique andrógina para construções e vivências livres de gênero e sexualidade me parecem respostas para muitos dos questionamentos que venho carregando há tempos. A referência a Oxumaré, orixá sempre presente em muitos dos meus conteúdos oníricos, como representante da diversidade, androginia e não binariedade me fez terminar esta leitura de alma leve. Arrobooi!



Luciana é psicóloga clínica de abordagem junguiana com olhar transdisciplinar, com 18 anos de experiência em consultório. No momento, está iniciando uma nova formação em análise bioenergética, por acreditar na importância de um corpo consciente e vibrante para uma completa saúde mental e emocional. Ex jornalista, é também astróloga, taróloga, terapeuta floral, reikiana, buscadora espiritual e entusiasta das pesquisas sobre psicodélicos e saúde mental. Apaixonada pela cultura védica, pratica yoga, estuda vedanta, sânscrito e mantras e é tutora de um fox paulispinscher chamado Raul.

## APRESENTAÇÃO

*Clarissa De Franco*

É com imensa alegria que realizo a apresentação desta obra. Logo de partida, agradeço pelas parcerias e contribuições que aqui se estabeleceram, em torno de uma temática tão central nos debates contemporâneos: as revisões e desconstruções dos conceitos de gênero e sexualidade e como tais revisões têm impactado o campo de estudos da Psicologia Analítica ou Junguiana. Agradeço nominalmente às autoras Bárbara Tancetti, Luna Pereira Gimenez, Jessiane Kelly Nascimento de Brito, Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa, e aos autores Carlos Augusto Serbena, Durval Luiz de Faria, Gustavo Pontelo Santos, Raul Alves Barreto Lima e Vicente Baron Mussi, ao lado de quem tive a honra de construir este livro, além da autora Luciana Martins Dias e Silva, que gentilmente nos concedeu seu olhar no prólogo da obra.

As teorias junguianas, diante do debate social e político, são constantemente acusadas de pouco envolvimento. Embora tal cenário esteja se modificando, é importante considerar que o engajamento da área com as temáticas públicas esteve desde Jung envolta em névoas de desconfianças, em função do possível apoio de Jung ao nazismo em um determinado momento da história. Não é nossa tarefa adentrar este debate, tampouco tenho alguma preocupação em defender ou acusar o ser humano Jung. Sua obra fala por si e claramente ela demonstra preocupações coletivas, uma vez que ao postular o inconsciente coletivo, Jung vasculhou e reconheceu a diversidade cultural presente no mundo. Mas ele, como muitos e muitas de seu tempo, padeceu das problemáticas de sua época. Esperamos que ele tenha integrado suas sombras a tempo de contemplar seus erros e reorientar sua consciência.

Junta-se a isso a crítica – que merece nossa atenção – de que a visão clássica de Jung sobre animus e anima teria fornecido subsídios para um reforço aos binarismos de gênero. E provavelmente forneceu. Ressaltamos quanto a isso, dois pontos. O primeiro é que qualquer autor, autora ou autore que tenha vivido e morrido antes da segunda onda feminista ou bem no início dela – como é caso de Jung, que faleceu 1961 – perdeu os debates que trouxeram a concepção de gênero como construção social e de gênero, sexo e sexualidade como conceitos distintos. A noção de orientação sexual e identidade de gênero se popularizou na década de 1990, já na terceira onda dos movimentos feministas. O que quer dizer que a falta de repertório nesse debate é uma questão temporal e não de posicionamento político.

O segundo ponto que quero destacar quanto a isso é que as boas teorias são vivas, permitem ampliações, recriações, reformulações, fornecendo pontos de partida e não de chegada e são possíveis de serem adaptadas às transformações sociais. Para tal tarefa,

estão em processo os trabalhos de pós-junguianas/os/es. Eis a nossa proposta nesse livro: revisar criticamente as teorias junguianas, trazendo novos olhares, sínteses e contribuições, diante do que é possível nossa consciência integrar a partir dos aprendizados culturais contemporâneos. A única vantagem que temos em relação aos nossos e às nossas ancestrais é ter a possibilidade de intervir no debate atual enquanto ele ocorre. Assim, quando as próximas gerações mirarem nosso esforço hercúleo em sair dos binarismos de gênero, creio que pareceremos para elas talvez primárias/os, neandertais do debate. Mas teremos feito um pedacinho da história.

Para compor tal retalho da história, contamos nesse livro com algumas pesquisas, entre elas, a das psicólogas e mestras **Bárbara Tancetti e Luna Pereira Gimenez**: *Feminismos pós-junguianos: revisões das teorias clássicas e novos despontes*, que abre o livro com um panorama histórico dos feminismos, incluindo suas subdivisões contemporâneas e os principais debates acerca dos essencialismos de gênero e de como a visão patriarcal incidiu sobre a pressupostos junguianos. Revisando a teoria junguiana da contrassexualidade e os conceitos clássicos sobre feminino e masculino, anima e animus, Bárbara e Luna aportam diálogos fundamentais com autoras/es como Susan Rowland, David Stacey, Ricki Stefanie Tannen, Qualls-Cobert, Andrew Samuels, James Hillman, entre outras/os/es, de forma a reorientar o olhar analítico para uma compreensão não naturalizada, não essencialista de gênero, que reconheça as diferenças e recomponha o campo imaginal sobre a feminilidade e as mulheres.

O trabalho do psicólogo e doutorando **Raul Alves Barreto Lima** e do psicólogo e professor doutor do Núcleo de Estudos Junguianos da PUC/SP **Durval Luiz Faria de Souza**, *Psicologia Analítica, gênero e feminismo: o sexismo como complexo cultural*, também visita a psicologia das mulheres, indicando os preconceitos e confusões conceituais ocorridos no imaginário social e nas teorias junguianas quando se atribui às mulheres uma ausência de objetividade, por conta da não identificação com o masculino arquetípico ligado ao Logos, tratado como um aspecto inconsciente e não trabalhado psicologicamente nas mulheres. Raul e Durval evocam o complexo cultural para abordar os problemas sociais e psicológicos envolvidos na visão patriarcal e sexista que atribui às mulheres a noção de “emocionais”. Os autores apontam a interdependência do psicológico e do político, a partir das considerações de Andrew Samuels, de forma a considerar uma revisão ao caráter de literalidade atribuído aos mitos das deusas e, portanto, à psicologia das mulheres. Assim, os essencialismos podem ser substituídos pela compreensão psicopolítica de gênero.

No texto: *Autoconhecimento e feminismo: uma perspectiva junguiana sobre O feminismo é para todos, de bell hooks*, a psicóloga **Jessiane Kelly Nascimento de Brito** discute alguns aspectos do feminismo que desembocam em atitudes “anti-homem”, e acabam por manifestar tendências de movimentos de massa que não integram a sombra coletiva à psique individual. Nesse sentido, a partir do entrelaçamento com apontamentos

de bell hooks e de Marie Louise von Franz e Jung, Jessiane indica a importante e necessária tarefa das mulheres confrontarem seu próprio sexismo e patriarcalismo introjetados em suas psiques.

Já o quarto artigo: *O medo do feminino na homofobia: Uma investigação sobre o discurso homofóbico e sua relação com a visão de gênero dentro da sociedade patriarcal*, da psicóloga **Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**, do psicólogo e professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná **Carlos Augusto Serbena** e do psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi** abre caminhos para pensarmos na questão da homofobia. O texto apresenta análises de pesquisa realizada com homens, apontando que quase a metade do grupo investigado apresentou posturas classificadas como “intolerantes” em relação a questões de gênero. As análises indicam a reprodução de estereótipos, o que se relaciona com a projeção de aspectos não reconhecidos e não integrados da sombra, além de apontar que grupos que pregam a separação entre gêneros possuem uma grande rigidez psíquica e são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos, atuando por vezes de forma ambígua com atitudes reativas e emocionais, de forma que o feminino negativo é negado e relegado ao inconsciente. Segundo a autora e os autores, o medo do feminino e a homofobia surgem, portanto, como um sintoma da angústia diante de uma masculinidade provocada a ser reconstruída.

O texto: *Inspirações das “mulheres de Lesbos”*: a imaginação encarnada na defesa de direitos humanos de mulheres lésbicas nos círculos sagrados, da psicóloga e professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de **Clarissa De Franco** (eu, mesma!), compõe o quinto artigo desta obra e aborda algumas iniciativas de defesa do direito à vivência do amor homoafetivo de mulheres lésbicas e direito à sua pertença em grupos ligados aos Círculos Sagrados de Mulheres e também coletivos que associam autoconhecimento e espiritualidade. O trabalho foi conduzido tendo como base a metodologia junguiana, que trabalha com a compreensão dos fenômenos por meio dos símbolos que emergem e também da imaginação encarnada, que, em português, costuma ser chamada de imaginação ativa, mas por opção política, o termo do espanhol “imaginación encarnada” foi escolhido. O artigo traz como inspiração as “mulheres de Lesbos” e a poesia de Safo para amarrar tais iniciativas, a despeito de também reconhecer os estigmas e preconceitos que ainda são produzidos e mantidos em alguns destes espaços.

O psicólogo e mestre **Gustavo Pontelo Santos** nos brinda com o poético e corajoso texto: *Eros no armário: notas analíticas sobre a experiência gay*, que lança os inquietantes questionamentos – em primeira pessoa – sobre de que maneira os sujeitos LGBTQIA+, fantasiam e são fantasiados e de que maneira o mundo interior poderia estar vinculado a um mundo exterior que o nega. Tais questionamentos escancaram o quanto a cisheteronorma

está calcada na experiência e no modelo patriarcal. Utilizando a metáfora do armário, Gustavo indica que o armário seria uma metáfora para as tensões da ocultação/revelação da experiência gay, à qual está ligado, no entanto, em função da repressão moral e social. O mito de Eros e Psiquê é trazido como exemplo para identificar o momento em que o “Amor é revelado para a Alma que o julga monstruoso, é ferido por ela, ira-se e precisa de tempo para se curar. Eros se vê fora de seu armário, revelado pelo desenrolar das fantasias sobre sua identidade.” Gustavo conclui, indicando que “é preciso que Eros circule no mundo, fora dos armários e que, portanto, nós os derrubemos. Não se trata aqui apenas do direito ao amor, mas antes do direito de existir”.

Novamente o professor doutor **Carlos Augusto Serbena** e o psicólogo e mestre **Vicente Baron Mussi**, nos oferecem seu olhar em: *Homofobia e repressão do feminino: algumas contribuições da Psicologia Analítica*. O texto aponta que a cura da sombra ligada à homofobia passa, para além do reconhecimento daquilo a que se reprimiu, também pelo Eros, ou seja, pelo estabelecimento de vínculos. Estabelecendo diálogo com James Hillman, os autores indicam é preciso descobrir a capacidade de amar personagens desagradáveis em si mesmo a partir de uma postura que se esvazia da pretensão de virtude diante de atitudes homofóbicas de outras pessoas e responsabiliza-se pela inclusão destas pessoas, admitindo que a sombra da homofobia acompanha outras sombras como a da exclusão e solidão.

Fechando a obra, a psicóloga e professora doutora do Programa de Ciências da Religião da UMESP **Clarissa De Franco** (esta mesma que vos escreve), no texto: *Decolonialidade do saber nas teorias junguianas para o debate de gênero: imagens arquetípicas de um sagrado não-binário como caminho de elaboração do complexo cultural da LGBTfobia*, realiza uma interlocução entre as teorias pós-junguianas, os estudos de gênero e as teorias decoloniais. A proposta do texto parte da perspectiva de decolonizar a área, construindo novas narrativas para o debate de gênero no contexto das análises junguianas. Clarissa passa por revisões dos conceitos de animus e anima e breve análise do papel da persona diante das construções identitárias LGBTQIA+, discussão da LGBTfobia nos círculos sagrados de homens e mulheres e apresentação do conceito de sagrado não binário, articulando tal conceito com a ideia de psique andrógina e finaliza o texto com imagens não binárias, intersexo, e não tradicionais de gênero e sexualidade, que podem auxiliar na construção de repertórios simbólicos para imagens arquetípicas da não binaridade.

Esperamos, com a proposta desta obra, ampliar os caminhos de debate para o campo das teorias junguianas e seu aspecto de análises sociopolíticas, em especial no que tange à temática de gênero, sexualidade e afetividade. Nosso desejo é que Eros possa desvelar-se nu e que encontre acolhida nesse reconhecer a si e ao(à) outro(a).

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

FEMINISMOS PÓS-JUNGUIANOS: REVISÕES DAS TEORIAS CLÁSSICAS E NOVOS  
DESPONTES

Bárbara Tancetti

Luna Pereira Gimenez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202061>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

PSICOLOGIA ANALÍTICA, GÊNERO E FEMINISMO: O SEXISMO COMO COMPLEXO  
CULTURAL

Raul Alves Barreto Lima

Durval Luiz de Faria

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202062>

### **CAPÍTULO 3..... 36**

AUTOCONHECIMENTO E FEMINISMO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA SOBRE O  
*FEMINISMO É PARA TODOS*, DE BELL HOOKS

Jessiane Kelly Nascimento de Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202063>

### **CAPÍTULO 4..... 47**

O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO  
HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE  
PATRIARCAL

Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa

Carlos Augusto Serbena

Vicente Baron Mussi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202064>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

INSPIRAÇÕES DAS “MULHERES DE LESBOS”: A IMAGINAÇÃO ENCARNADA NA  
DEFESA DE DIREITOS HUMANOS DE MULHERES LÉSBICAS NOS CÍRCULOS  
SAGRADOS

Clarissa De Franco

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202065>

### **CAPÍTULO 6..... 82**

EROS NO ARMÁRIO: NOTAS ANALÍTICAS SOBRE A EXPERIÊNCIA GAY

Gustavo Pontelo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202066>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>95</b>
HOMOFOBIA E REPRESSÃO DO FEMININO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ANALÍTICA	
Vicente Baron Mussi Carlos Augusto Serbena	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202067</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>115</b>
DECOLONIALIDADE DO SABER NAS TEORIAS JUNGUIANAS PARA O DEBATE DE GÊNERO: IMAGENS ARQUETÍPICAS DE UM SAGRADO NÃO-BINÁRIO COMO CAMINHO DE ELABORAÇÃO DO COMPLEXO CULTURAL DA LGBTFOBIA <sup>1</sup>	
Clarissa De Franco	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068">https://doi.org/10.22533/at.ed.1452202068</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>145</b>
<b>SOBRE OS AUTORES E AUTORAS</b> .....	<b>146</b>

## O MEDO DO FEMININO NA HOMOFOBIA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O DISCURSO HOMOFÓBICO E SUA RELAÇÃO COM A VISÃO DE GÊNERO DENTRO DA SOCIEDADE PATRIARCAL

**Stella da Silva Carvalho Nunes da Rosa**

**Carlos Augusto Serbena**

**Vicente Baron Mussi**

### INTRODUÇÃO

Em 2017 o número de denúncias, através do Disque 100, de homicídios ou tentativas de homicídios contra a população LGBTQIA+<sup>1</sup> aumentou 127% segundo o Atlas da Violência, feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), de 2019. O relatório mostra que houve um aumento nos últimos seis anos de denúncias de crimes contra pessoas LGBTQIA+ através do Disque 100, do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH). Além disso, o Atlas da Violência também aponta um crescimento de 10,9% de crimes contra homossexuais e 30,8% de crimes violentos contra bissexuais durante o ano de 2016, de acordo com o Sinan, responsável por coletar dados de violência interpessoal/autoprovocada nos serviços de saúde do Brasil. Apesar desses números, o documento feito pelo Ipea (2019) chama a atenção para a falta de mais dados acerca da violência contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil, resultante da

falta de conhecimento acerca do tamanho dessa população, a inexistência de relatórios governamentais focados no levantamento dos problemas enfrentados por ela e da deficiência em construir políticas públicas para a resolução da violência LGBTQIA+fóbica e preconceitos relacionados.

Além dos números alarmantes sobre mortes e violência contra pessoas LGBTQIA+, e a falta de medidas governamentais para a solução desse tipo de violência, as questões sobre a LGBTQIA+fobia também tocam discussões sobre recorte de classe, raça, identidade de gênero e representatividade social. O Atlas da Violência também aponta um crescimento de 30,7% no número de homicídios de mulheres, entre os anos de 2007 e 2017, sendo cerca de 13 assassinatos por dia, e um total de 4.936 mulheres mortas em 2017 (Ipea, 2019).

As questões que cercam a homofobia tocam tópicos relacionados com a quebra de padrões colocados pela estrutura patriarcal, seja seu modelo de família, de sexualidade ou de funcionamento da dinâmica entre os dois gêneros aceitos como normais, ou seja, masculino e feminino.

A família nuclear como instituição base da organização social é originada do modelo

1. Optou-se pelo uso da sigla LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais e Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais. Nesta escolha, destaca-se a importância símbolo de mais (+) ao final da sigla, sinalizando a existência e inclusão de outras identidades de gênero e orientações sexuais.

patriarcal trazido para o Brasil pelo processo de colonização, que pautou a constituição familiar no modelo de casal heteronormativo e binarista (Pereira & Schimanski, 2013), ou seja, sendo constituída por um homem e uma mulher cujo objetivo é gerar uma prole. A ideia de a heterossexualidade determinar os padrões de sexualidade e organizar a estrutura social é conhecida como heteronormatividade, termo cunhado por Michael Warner, utilizado para falar sobre o controle social exercido pela sexualidade, que é apontado por Michel Foucault e comentado por outros estudiosos da teoria queer (Miskolci, 2009). Essa regulação é feita a partir do sexo biológico, onde a reprodução é colocada como o objetivo final da sexualidade e a heterossexualidade é naturalizada a partir de uma visão que busca acentuar as diferenças biológicas entre os dois sexos e estender essas diferenciações para os padrões de comportamento, ocupações sociais e representações culturais (Leal e Carvalho, 2009).

A partir dessa divisão inserida sobre os dois gêneros vigentes, é possível observar o que Michel Foucault (1988) assinala como um dispositivo de poder e regulação dos corpos. Através da ideia de biopoder, Foucault aborda sobre a estatização do biológico, onde instituições assumem os discursos responsáveis por regular os corpos e as sexualidades. Judith Butler (2003), a partir do conceito de biopoder de Foucault, discute a ideia da construção do sujeito diante de padrões de legitimação e exclusão colocados perante a lei. A identidade do sujeito, então, não seria composta por características colocadas como inatas de uma constituição biológica, mas sim pelos mecanismos de controle aos quais ele está exposto. De tal forma, gênero e sexo, para Butler, são uma construção social que se descola da noção de categoria pré-discursiva, ao contrário da ideia de colocar o gênero como uma expressão social do sexo biológico enquanto um marcador absoluto.

Ao pensar sobre o padrão de normalidade colocado socialmente encontra-se o sistema binarista como uma das formas de expressão de gênero, especificamente sendo relacionada ao sexo e conseqüentemente colocada como norma. Diante dessa perspectiva heterossexista, a violência contra homossexuais seria uma manifestação do padrão binarista, com a homofobia sendo um fenômeno que ocorre tanto no campo da individualidade quanto no campo do social.

Em vistas de tal problema, percebe-se que a questão da sexualidade e gênero ultrapassa simplesmente o campo cognitivo, remetendo a questões que adentram o campo do religioso, e de aspectos que tocam muito além da racionalidade, isto é, o simbólico e o numinoso. Para compreender isto, recorre-se às teorias voltadas para uma leitura sobre a psique individual e sua interação com o funcionamento da psique inconsciente. Considerando os aspectos numinosos e simbólicos desta busca, voltou-se o olhar para a teoria da Psicologia Analítica, criada por Carl Gustav Jung, a partir de seu rompimento com Freud e a Psicanálise, que possui uma aguda compreensão deste campo.

É importante ressaltar o caráter dual da psique de acordo com a visão de Jung,

visto sua natureza estruturada em consciência e inconsciente, instâncias onde ocorreria o processo psicodinâmico de compensação. Outra característica da natureza dual da psique seria o seu desdobramento em diferentes dicotomias, que conforme vão se especificando adquirem mais faces. Entre elas pode ser citado a dicotomia de gênero.

Quando é abordada a dicotomia de gênero dentro da teoria da psicologia analítica, encontra-se as ideias de feminilidade e masculinidade como polos opostos, que carregariam características complementares que são relacionadas com a construção e performance de papéis de gênero no modelo de sociedade patriarcal. Além dessa visão geral sobre essas duas potencialidades, Jung introduziu o conceito de anima e animus para falar sobre figuras ligadas com o gênero e a forma que apareceriam para a psique humana.

A anima foi o termo utilizado por Carl G. Jung para se referir a “uma imagem coletiva da mulher no inconsciente do homem, com o auxílio da qual ele pode compreender a natureza da mulher” (Jung, 2011b, p.66), com sua formulação teórica colocando a ideia da anima como uma “imagem da experiência e estrutura contrassexual do homem” (Hillman 2020, p.71). De tal forma, a anima, contida no inconsciente, carregaria um potencial complementar à consciência masculina, e o contato com esse arquétipo pode ser responsável por transformações no desenvolvimento psíquico do homem. O conceito de anima passou a ser discutido e expandindo por teóricos pós-junguianos, principalmente por seu caráter unilateralmente ligado ao sexo e ao gênero ter sido cunhado em uma época que as discussões sobre papéis de gênero ainda não estavam avançadas da mesma forma que nos tempos atuais. Hopcke (1993), James Hillman (2014) e Young-Eisendrath (1997) apontam para a necessidade de revermos as barreiras de gênero e compreender essas duas potências como alegorias das imagens que encontramos no inconsciente coletivo sobre atributos que costumavam ser relacionados com o masculino e feminino, e agora os ultrapassam, e não como marcadores e delimitadores de uma divisão real e essencial no que diz respeito à feminilidade ou masculinidade.

Dentro da própria concepção de Jung sobre os diferentes estágios e manifestações do feminino, o autor aborda um caráter da anima enquanto alma, mas muito mais aproximado de logos, quando assume a forma de Sofia (Jung, 2011e). Aqui Jung traz uma possibilidade de leitura interessante para ser investigada em uma perspectiva não binária dessas duas potências, se unido à perspectiva pós-junguiana, sobre a anima como um arquétipo presente na psique independente do sexo, se for levando em conta a possibilidade de carregar diferentes nuances de acordo com a construção de gênero da pessoa.

Visto essa breve perspectiva sobre a questão da anima e possíveis interpretações de novas formas de subjetividade, ainda é necessário reforçar que, apesar dos esforços para a discussão sobre uma perspectiva andrógina sobre papéis sociais e a produção de teoria voltada para esse tema, ainda é possível encontrar uma crença muito forte na binaridade e reprodução de papéis de gênero dentro do funcionamento patriarcal da sociedade. Esse

padrão de crenças é notado com mais força em indivíduos que trazem noções rígidas sobre papéis de gênero dentro da estrutura social.

Diante de tal reflexão, neste trabalho procurou-se como objetivo principal compreender as significações sobre a homossexualidade para sujeitos do sexo masculino, buscando identificar sinais de projeção da anima, contida na sombra, e relações feitas com a figura do feminino em seus discursos, assim como a forma como essas projeções se conectam com o fenômeno da homofobia e as concepções sobre gênero e orientação sexual. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (a) identificar as idealizações e fantasias sobre uma organização familiar; (b) observar as noções de normalidade em relação à sexualidade; (c) identificar atribuições feitas às pessoas homossexuais. Após o levantamento e cruzamento dos dados, as significações trazidas nas falas dos participantes foram analisadas a partir da teoria da Psicologia Analítica, criada por Carl Gustav Jung.

## MÉTODO

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com a seleção dos participantes por conveniência.

Os conceitos teóricos principais aos quais a análise orbitou foram as concepções construídas por Jung sobre os complexos da Sombra, da Persona do Ego (eu), da Anima e o funcionamento do processo psicodinâmico à luz da psicologia analítica.

Para a execução desta pesquisa<sup>2</sup>, foi delimitado o perfil de participantes, sendo todos homens acima dos dezoito anos de idade, que participaram do processo de coleta de dados a partir de entrevistas individuais, que foram gravadas e posteriormente transcritas. Junto ao uso de um questionário como apoio para as entrevistas semiestruturadas, também foi aplicada a Escala de Homofobia Implícita e Explícita, de Castillo et al (2003), para identificar as pontuações de homofobia dos participantes. Após o processo de coleta de dados, o material foi comparado, organizado e analisado de forma qualitativa através do método de Análise Temática, e posteriormente interpretados a partir da teoria da Psicologia Analítica.

### Coleta de dados

A coleta de dados foi feita a partir de entrevistas semiestruturadas utilizando um roteiro de apoio e a aplicação da escala de homofobia implícita e explícita, criada por

---

2. A pesquisa inicial começou como um projeto de mestrado dentro do programa de pós-graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o objetivo de investigar os mecanismos de projeção da sombra dentro do discurso de sujeitos homofóbicos. Com a mudança do tema de dissertação do autor original, e com sua autorização, a temática da pesquisa foi repassada para ter uma continuidade através dos alunos dos projetos de iniciação científica e voluntariado acadêmico dentro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade (LabFeno) da UFPR, sob a orientação do prof<sup>o</sup> doutor Carlos Augusto Serbena. Após o processo de coleta de dados a partir de alguns alunos envolvidos em atividades do LabFeno, a proposta de pesquisa foi assumida pela atual autora deste trabalho.

Castillo et al (2003) e validada por Marinho et al (2004) para o uso dentro da população brasileira.

As entrevistas foram feitas individualmente, durando em média 40 minutos, sendo gravadas (dada a autorização do participante através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e posteriormente transcritas. O processo ocorreu no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Federal do Paraná, nas salas utilizadas para atendimentos, processo de triagem e aplicações de testes, sendo garantido a privacidade e o sigilo.

A delimitação de perfil dos participantes foi voltada para homens acima de dezoito anos de idade, declarados como heterossexuais. A seleção dos participantes aconteceu por conveniência e de acordo com a disponibilidade dos voluntários.

## Os instrumentos

A escala de homofobia implícita e explícita foi utilizada como uma forma de orientar a entrevista, complementar o questionário semi-estruturado e organizar os resultados obtidos através da pontuação de cada participante. Marinho et al (2004) apontam que a escala é composta de 17 itens, sendo que 10 compreendem as afirmativas de homofobia explícita e 7 compreendem as afirmativas de homofobia implícita. As afirmativas de homofobia explícita procuram “expressar ideias acerca dos homossexuais como pessoas diferenciadas ou que não necessitam de leis especiais para terem seus direitos protegidos e inclui a questão do nível de contato com relação aos homossexuais”, enquanto as afirmativas de homofobia implícita demonstram “certa simpatia e admiração pelos homossexuais, mesmo afirmando diferença entre os valores expressos por este grupo e os próprios” (Marinho et al, 2004, p.374). As afirmativas são avaliadas em termos de concordância e discordância, em escala Likert de sete pontos com os extremos sendo 1, equivalente à afirmação “Discordo totalmente”, e 7, sendo equivalente à afirmação “Concordo totalmente”. A classificação do resultado empregada por Castillo et al (2003) divide os participantes em: Fanáticos – pontuações altas em homofobias explícita e implícita; Sutis – pontuação baixa em homofobia explícita e alta em homofobia implícita; Iguatários – pontuações baixas em homofobias explícita e implícita; grupo de erro: pontuação alta de homofobia explícita e baixa em homofobia implícita. A divisão entre pontuações altas e baixas se dá a partir da média da escala – sendo pontuações altas aquelas cuja média é maior do que 4 e pontuações baixas com as médias menores do que 4 (Castillo et al 2003).

O roteiro da entrevista semiestruturada contém perguntas voltadas para a investigação de experiências dos participantes com pessoas homossexuais e suas reações diante de situações reais ou hipotéticas. Alguns exemplos de perguntas desse roteiro são:

- O que é ser normal em relação à sexualidade?
- Há semelhanças e/ou diferenças entre heterossexuais e homossexuais, em

relação à normalidade, valores, religião, política, etc?

- Se você tivesse um(a) filho(a) que fosse homossexual, como seria a sua reação?

## **Método de análise**

Após a classificação dos indivíduos de acordo com a categoria que pontuaram na escala, as transcrições das entrevistas foram analisadas em busca de unidades temáticas capazes de organizar as concepções sobre tópicos que rodeiam suas visões sobre a homossexualidade.

Foi escolhido fazer uma análise qualitativa dos conteúdos trazidos nas entrevistas, sendo selecionada a Análise Temática (AT) como método para o tratamento dos dados. Braun e Clarke descrevem a AT como “um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados. Ela minimamente organiza e descreve o conjunto de dados em (ricos) detalhes” (2006, p.81). Encontra-se na AT um método de análise qualitativo que possui uma grande variedade de possibilidades de organização e análise dos conteúdos adquiridos em uma pesquisa.

A Análise Temática foi utilizada para examinar os significados trazidos pelos entrevistados acerca da homossexualidade, a partir da forma como esses conteúdos se relacionam com os discursos presentes no meio social; e para isso os dados foram organizados em tabelas, que cruzavam e comparavam pontos convergentes e divergentes entre os entrevistados, observando se houveram padrões e repetições entre as diferentes falas baseadas nas pontuações adquiridas pelas escalas de homofobia implícita e explícita e em questões pertinentes sobre a temática que foram encontradas durante o levantamento sobre o tema.

Para fazer esse procedimento, foram seguidas as seguintes etapas: (a) pré-análise – fase onde foi organizada a forma de leitura e dos temas que respaldam a interpretação; (b) exploração do material – codificaram-se os dados por meio de unidades de registro; (c) tratamento dos resultado e interpretação – foram categorizados os conteúdos com base nas semelhanças e diferenças e depois estes foram reagrupados com base nas características em comum.

A interpretação dos agrupamentos foi feita de acordo com a teoria da psicologia analítica, buscando nas significações trazidas possíveis relações com características da psique individual dos participantes e que também se refletem na psique coletiva.

## **Participantes**

Foram entrevistados doze indivíduos do sexo masculino, declarados como heterossexuais, com idade entre 20 e 55 anos, com média de 29 anos, sendo nove participantes solteiros e três casados. Sobre suas ocupações, quatro eram estudantes, com o restante identificados como um cozinheiro, um músico, um bombeiro militar, um

administrador de empresas, um fotógrafo, um professor e um participante que não declarou sua ocupação. Sobre suas denominações religiosas, quatro se declararam católicos, sendo dois declarados como não praticantes, três participantes declararam acreditar em deus, mas não participar de nenhuma religião específica, e entre o restante dos participantes estavam um participante evangélico, um participante judeu e um participante praticante do paganismo nórdico.

## RESULTADOS

De acordo com a escala de Castillo et al (2003), entre todos os participantes, apenas três alcançaram pontuações de homofobia explícita e implícita que os enquadram como fanáticos. Os outros nove entrevistados não pontuaram o bastante para serem classificados como fanáticos ou sutis, sendo, então, colocados na categoria de igualitários. Mas além das pontuações, é importante assinalar que foram encontradas falas com teor homofóbico e intolerante em entrevistados que foram classificados como igualitários, tendencialmente aqueles que obtiveram pontuações mais próximas das pontuações necessárias para se enquadrarem nos grupos dos sutis e dos fanáticos.

Levando em conta as definições de normalidade sobre a sexualidade, igualdade entre heterossexuais e homossexuais, ideais de família e crença em padrões de gênero, as falas dos entrevistados foram analisadas e comparadas com suas pontuações na escala.

A partir das pontuações e das definições dadas para os tópicos investigados, as entrevistas foram organizadas em dois grupos. O primeiro grupo foi o grupo dos Intolerantes, composto por participantes que trouxeram noções rígidas e excludentes sobre sexualidade, composição de uma família e normalidade. Esses participantes também obtiveram as maiores pontuações na escala de homofobia implícita e explícita, com média acima de quatro pontos.

Participantes	Pontuação na escala (média)	Categorização na escala	Acredita que a família ideal é a heteronormativa?	Acredita que existam papéis de homem e mulher?	Acredita que a normalidade em relação à sexualidade é a heteronormatividade?
P1	66 (4.1)	Fanático	Sim	Sim	Sim
P2	45 (2.6)	Igualitário	Não	Não	Não
P3	45 (2.8)	Igualitário	Não	Não	Não
P4	88 (5.2)	Fanático	Sim	Sim	Sim
P5	73 (4.3)	Fanático	Sim	Sim	Sim
P6	36 (2.1)	Igualitário	Não	Não	Não
P7	37 (2.2)	Igualitário	Não	Não	Não
P8	54 (3.2)	Igualitário	Não	Sim	Não
P9	35 (2.1)	Igualitário	Não	Não	Não
P10	32 (1.9)	Igualitário	Não	Não	Não
P11	47 (2.8)	Igualitário	Sim	Sim	Sim
P12	58 (3.4)	Igualitário	Sim	Não fala sobre	Sim

Tabela 1. Principais concepções investigadas.

O segundo grupo foi o grupo dos Igualitários, com o restante dos participantes, que além de obterem pontuações baixas de homofobia, cuja média foi abaixo de três pontos na escala de homofobia implícita e explícita, também trouxeram noções muito mais flexíveis e inclusivas sobre os tópicos investigados durante a entrevista. Este grupo foi utilizado como comparação para as falas do primeiro.

## Os Intolerantes

A partir da comparação entre as diferentes definições investigadas pelas entrevistas, foi destacado um perfil específico acerca da parcela dos entrevistados que mais pontuaram na escala de homofobia implícita e explícita.

Cinco entrevistados foram destacados com esse perfil, sendo eles os três que pontuaram como fanáticos, P1, P4 e P5, e mais dois que foram classificados como igualitários P8 e P12. A escolha de encaixar dois participantes pontuados como igualitários foi orientada pela semelhança das respostas e justificativas trazidas por esses dois indivíduos e entre os três participantes pontuados como fanáticos, além de suas pontuações serem muito mais próximas da média necessária para ser categorizado como fanático. Suspeita-se de que as limitações da escala utilizada e da condução das entrevistas pode ter resultado em pontuações menores por parte de alguns participantes que trouxeram

conteúdos abertamente homofóbicos em suas falas.

Foi observado que quanto maior as pontuações de homofobia implícita e explícita, maior a mobilização emocional e rigidez sobre as definições e limitações dos papéis de gênero, constituição familiar, normalidade e igualdade sexual. Tais alterações foram analisadas a partir da identificação de mudanças no tom de voz, na cadência da fala e em comparação com a forma de se expressar sobre outros tópicos durante a entrevista.

A associação entre feminilidade e homossexualidade foi encontrada nos discursos desse grupo de entrevistados, que também declararam acreditar na existência de papéis de gênero bem estabelecidos e na normalidade, em relação a sexualidade, ser a união heterossexual. Esse grupo também não apresentou diferenciações sobre as definições entre sexo e gênero, colocando os dois conceitos como funcionalmente iguais, conjuntamente relacionando a sexualidade com a performance de gênero. A delimitação desse grupo específico permitiu a interpretação de conteúdo projetado sobre questões envolvendo pessoas homossexuais e a forma como o comportamento homofóbico tem raízes em questões que cruzam tanto o coletivo quanto a esfera individual.

## **Os Iguatários**

O restante dos participantes foi classificado em um só grupo, devido ao conteúdo semelhante de suas respostas. Junto com as pontuações baixas, o grupo convergiu com a ideia de que não há limitações baseada em gênero ou sexualidade para a organização de uma família, performance de papéis sociais, normalidade em relação à dinâmica de um relacionamento e da conduta de uma pessoa no geral. Foram encontradas poucas falas com indícios de projeção de conteúdos inconscientes. Uma das exceções nesse quesito foi a ideia de necessidade de separação de papéis em um casamento, mesmo que os entrevistados que trouxeram essa fala tenham defendido que isso não precisaria necessariamente estar interligado com performance de gênero.

## **DISCUSSÃO**

### **O medo do feminino na homofobia**

Ao analisar as atribuições sobre pessoas homossexuais feitas pelo grupo dos intolerantes, foi possível encontrar estereótipos que carregam significações que remetem à projeção de negação de características internas relacionadas com a feminilidade. Os estereótipos são uma forma de preconceito voltado para a generalização de um determinado grupo de pessoas a partir de características atribuídas a elas à priori, de acordo com a imagem que é socialmente construída sobre esse grupo (Nunan, 2015). Os estereótipos carregam imagens e significações sobre um determinado grupo que é limitada e estigmatizante, auxiliando o processo de afastamento e marginalização de todo tipo de

pessoa que desvie da norma social. Com a antagonização de tudo aquilo que desvie do que é considerado o padrão aceitável, é comum a atribuição de qualidades que não são compatíveis com a realidade subjetiva de cada indivíduo que compõe um determinado grupo, reações de medo, preconceito e objetificação (referente ao processo de deixar de enxergar aquela pessoa como um indivíduo), sendo a homofobia uma das formas de manifestação desse tipo de reação. Mais do que isso, a atribuição de estereótipos está ligada com a projeção da sombra, ou seja, das características que são desconhecidas à consciência e negadas em si mesmo.

A ideia da feminilidade e da masculinidade como características opostas, e unilaterais quando aplicadas ao comportamento ideal, foi um tema recorrente nas entrevistas de P1, P5 e P4, os três participantes que pontuaram como Fanáticos, na escala de homofobia implícita e explícita. Foi presente em suas falas momentos de incômodo quando hipoteticamente aproximados dessa visão sobre a feminilidade que atribuem aos homossexuais, devido a perguntas que tornavam o tópico mais aproximados de suas vivências, como a possibilidade de ter um parente homossexual ou situações em que foram abordados romanticamente por pessoas do mesmo sexo.

O entrevistado P5 expressou que acredita que o comportamento homossexual seja moralmente inadequado, e que cabe aos pais ensinar isso aos filhos como uma forma de educação. Esse entrevistado também expressa em sua fala a crença em um núcleo familiar idealmente composto pela presença de um pai e uma mãe:

“Uma família saudável para mim tem que ser o homem e a mulher educando os filhos juntos. Eu sou filho de pais separados, e mesmo pais separados eu não acredito que seja tão bom quanto pais juntos. E o ideal é pai junto: homem e mulher criando um filho.”  
(P5)

Nesta fala é observada a ideia de uma ligação entre um núcleo familiar heteronormativo e a noção de saúde, onde aparece a noção da homossexualidade como algo que não permite uma completude às pessoas. É destacado a escolha da palavra “saudável” dentro do discurso do participante, e volta-se o olhar para as significações ligando a homossexualidade como uma doença ou uma situação que é desviante do ideal de integridade física e moral, o que é bem demonstrado nas falas de P5.

A ideia da homossexualidade como uma condição de falta ou inadequação também apareceu nas falas do entrevistado P1, ao comentar sobre a possibilidade de desenvolvimento emocional de uma pessoa homossexual em comparação com uma pessoa heterossexual, reforçando que um relacionamento funcional e completo precisa da presença de um homem e uma mulher:

“Talvez o homossexual nunca seja capaz de acessar, de desenvolver o emocional a esse ponto, por falta de uma interação amorosa com o sexo oposto, porque eu acho que

tem coisas que só o feminino pode proporcionar ao desenvolvimento masculino, e vice-versa.” (P1)

Sobre o tópico acerca da constituição ideal de uma família, o grupo dos intolerantes apresentou consistentemente um ideal de núcleo familiar que se fecha em torno da noção de família heteronormativa, enquanto o restante dos participantes não colocou barreiras sobre as possibilidades de constituição desse tipo de instituição.

No grupo selecionado, os cinco entrevistados afirmaram que idealmente uma família deve ser composta por um homem e uma mulher e apontaram um relacionamento heterossexual como padrão de normalidade em relação à orientação sexual. As questões sobre a criação biológica de uma prole, a defesa de uma visão ligada com a noção de complementaridade biológica dos sexos masculino e feminino, e valores religiosos apareceram como a justificativa para esse tipo de visão sobre a constituição de uma família.

Foi possível notar a busca de papéis bem separados na idealização de um casamento entre todos os entrevistados do grupo dos intolerantes. A necessidade da complementaridade entre dinâmicas opostas foi a maior justificativa para a defesa dessa visão sobre a construção de uma família.

Erich Neumann (2000) fala sobre as primeiras fases do desenvolvimento infantil e sua ligação e reflexo simbólico com o gênero na mentalidade grupal de uma sociedade. Neumann aponta para a fase urobórica no início do desenvolvimento infantil, onde a criança compõe uma unidade em conjunto com a mãe, sem se diferenciar com esta ou com o ambiente. A consciência, então, é colocada como algo simbolicamente masculino, diante do contraste com essa fase inconsciente de conexão com a mãe, simbolizada como feminina, chamada de relacionamento primal (Neumann, 2000). Esse relacionamento é estabelecido com o arquétipo materno, visto que a criança tem contato com a imagem da Grande Mãe que nutre e cuida de si, e não um contato baseado em um entendimento da mãe real. Diante dessa atribuição do masculino à consciência, e a necessidade de um rompimento com a fase anterior, matriarcal, para que seja feita uma diferenciação entre o ego e o ambiente que ele está inserido, é dado o início à fase patriarcal do desenvolvimento. Essa separação e aniquilação simbólica da Mãe arquetípica, dentro da sociedade patriarcal, leva à renúncia do feminino que é relacionado a ela e à inconsciência, e assim “a identificação do indivíduo do sexo masculino com a estrutura da consciência e do ego, que deixa seu lado feminino inconsciente, facilita psicologicamente esta espécie de unilateralidade” (Neumann, 2000, p.34).

Esse tipo de movimento psíquico dá origem à mentalidade patriarcal, que dá preferência a uma dinâmica de separação unilateral entre a consciência e inconsciência, o feminino e o masculino, fazendo com que o acesso do homem à outra polaridade possa ser feito apenas através das projeções de sua anima, inconsciente, nas mulheres com quem tem contato.

A quebra com a mentalidade matriarcal, para que seja dado espaço para a mentalidade patriarcal, faz com que o homem atribua o arquétipo da alma apenas ao outro e negue em si mesmo as características e imagens que ele carrega. Esse tipo de recusa não ocorre apenas por causa da relação com o funcionamento majoritário da sociedade que estas pessoas estão inseridas, mas também acontece devido à ameaça de perda do ego no inconsciente, a tentativa de evitar a identificação com a noção de unidade trazida pela união de partes complementares, e o risco de perda da identidade na extinção da unilateralidade que permite a construção de uma identificação de si mesmo (De Sá & Deola, 2019). De tal forma, o processo de integrar características contidas no inconsciente à consciência pode causar uma perturbação à sensação de estabilidade do indivíduo, mesmo que essa estabilidade não seja absoluta ou aplicável para todos os processos psíquicos que lhe acometem.

Além dessa dinâmica geral de relacionamento particular com a alma, destaca-se o que Neumann (2000) discorre ao olhar para a figura do homem dentro do relacionamento heteronormativo com uma mulher. Segundo o autor, em uma sociedade patriarcal, o desenvolvimento do homem é limitado até o estágio de sua adaptação ao coletivo e até estar pronto para exercer seu papel enquanto parceiro. E dentro das diferentes formas de relacionamento entre o masculino e o feminino, Neumann aponta para o que denominou de “normalidade patriarcal enquanto medo do feminino” (2000, p.250). Este tipo de funcionamento de um relacionamento orbita em volta da visão do casamento como forma de gerar filhos biológicos, identificando o homem e a mulher com as figuras paterna e materna, atribuindo um caráter não-individual à relação.

Este posicionamento impessoal dentro do casamento patriarcal é propício para o que Neumann (2000) aponta como uma forma do homem evitar o contato com sua alma e o seu caráter transformador, o que também remete à ameaça à estabilidade psíquica. Diante dessa ideia, a fim de manter a mentalidade patriarcal intacta e livre de um feminino que é visto como oposto, alienígena, traiçoeiro e capaz de abalar a estabilidade vigente, há a necessidade dessa separação bem definida entre o homem e a mulher, distinguindo seus posicionamentos numa relação, seus papéis e suas qualidades, evitando formas de estabelecer contato entre esses dois pólos. Ao mesmo tempo, é feita a tentativa de uma retirada do feminino do homem e da própria mulher real, colocando esse caráter da psique como perigoso para o casamento e indesejável para a constituição psíquica dos dois parceiros, já que a imagem da Grande Mãe invocada pela maternidade, a imagem da amante, da bruxa e outras figuras ligadas com a alma também se tornam uma ameaça para a estabilidade patriarcal (Neumann, 2000).

Essa ideia de uma separação bem delimitada entre o papel de homem e mulher aplicada à convivência social num geral não apareceu nas falas de um dos cinco participantes que anteriormente apontaram a família heteronormativa como padrão desejado. Esse único

participante reforça a função da família heteronormativa e afirma que existe a necessidade de um casamento ser composto por um homem e uma mulher, mas em nenhum momento da entrevista ele faz alusão direta aos papéis de gênero na sociedade. Os outros quatro trouxeram diferentes justificativas para essa separação, e entre elas a justificativa biológica acerca de questões fisiológicas, como o suposto instinto maternal que as mulheres teriam por causa hormonal e o suposto instinto de agressividade e proteção presente em homens, pelo mesmo motivo. Essa justificativa aparece principalmente na fala de P1 ao ser questionado se acredita na existência de papéis de gênero. Esse entrevistado prossegue afirmando que mesmo que a evolução da organização social tenha mudado e permitido uma igualdade de gênero maior nos últimos anos, o homem e a mulher ainda têm papéis diferentes na criação de uma família. O entrevistado P5 também defende essa visão, acreditando que o modelo de família heteronormativo é adequado para a atual organização social:

“O homem e a mulher, eles são diferentes, e desempenham papéis diferentes na constituição da família. E é importante que exista uma constituição familiar homem e mulher, justamente pelo papel atribuído a cada um deles. É o modelo que vinga na nossa sociedade, o mais saudável, que é o núcleo da família. E é importante que assim seja mantida e protegida essa forma.” (P5)

Nestas falas, é reforçado a questão da mentalidade patriarcal comentada anteriormente, e o movimento de conservar esse tipo de funcionamento tanto no indivíduo quanto na sociedade, para evitar uma possível desestruturação do sistema vigente. Novamente, a ideia de saúde aparece na fala de P5, e é resgatado o objetivo de manter a separação entre as características de homem e mulher para proteger esse funcionamento colocado como saudável.

Neste tipo de cenário idealizado, a ideia de papéis definidos é destacada nas falas dos participantes P3, P4, P5, P1 e P6, como manifestações da projeção da falta de integração entre a persona e aspectos da sombra, mostrada através da unilateralidade das performances de papéis sociais que são esperadas por esses indivíduos.

A dicotomia entre a persona e a sombra também são refletidas nos tipos de mentalidades que Neumann traz para discutir sobre os sistemas matriarcal e patriarcal. A ideia do feminino como algo relacionado com o oculto, as trevas, a intuição e o subjetivo, trazida por Jung (2011c), é também comentada por Neumann (2000) ao falar da estruturação da fase matriarcal, e à esta mentalidade é relacionada a sombra, como aquilo que é contido no inconsciente, e é construído com maior enfoque na experiência individual. Do outro lado, está a fase patriarcal, relacionada com uma superação da fase matriarcal, delimitada por aspectos relacionados com o masculino, como a luz, a lógica, a consciência e a sociabilidade, que são características também da natureza do arquétipo da persona. Para que seja feita essa superação, a figura da Mãe arquetípica é combatida

e derrotada, para que o patriarcado possa assumir o poder da psique e passar a comandar a consciência. Quando essa transição é feita de forma desequilibrada e é fixado no patriarcado a ideia de superioridade, tanto da consciência, quanto das figuras masculinas a nível social, é instituído o medo do feminino, comentado por Neumann (2000), e a figura da Mãe arquetípica passa a ser uma ameaça para aquela estabilidade, sendo impedida de ser integrada e que seus aspectos sejam lançados à luz da consciência. De tal forma, quando a identificação do sujeito fica estagnada na fase patriarcal, sem que os elementos do feminino possam ser adequadamente integrados, há a identificação demasiada com a persona, e seu caráter de adaptação ao modo de funcionamento coletivo, deixando de lado os valores individuais e os nuances que são trazidos pela diversidade que compõe a constituição de diferentes pessoas.

Durante o processo de individuação, procura-se uma integração entre os aspectos do feminino e do masculino, para que a psique não seja completamente tomada pelo aspecto inconsciente na fase matriarcal, nem pela rigidez trazida na fase patriarcal. Para que esse processo seja feito corretamente, é necessário que o ego do indivíduo seja bem estruturado, para que este consiga lidar com as mudanças e nuances que são trazidos com a interação desses pólos que se opõem. No caso de um ego mal estruturado, há a recusa desse tipo de integração e a antagonização de tudo aquilo que se oponha de alguma forma com o funcionamento atual. Ao mesmo tempo, quanto maior a separação entre o que é colocado como desejável para a identidade, muitas vezes ligado à identificação com a persona, e aquilo que está na inconsciência, na sombra, maior será a falta de conhecimento, controle e autonomia sobre os conteúdos desconhecidos e negados sobre si mesmo para o sujeito. Assim, características relacionadas com o funcionamento matriarcal, mesmo que rejeitadas conscientemente, emergem e tomam os sujeitos que tentam se afastar e não reconhecer dentro de si esse tipo de natureza.

Algo importante a ser considerado é a fuga do racional que acontece com esse grupo de atribuições, que extravasa os discursos. Ao mesmo tempo que essas crenças são justificadas tentando utilizar a lógica e um funcionamento de causa e efeito, elas são carregadas de conteúdo que ultrapassam o âmbito do racional e atingem uma camada carregada de afeto voltado para um determinado modo de pensar. Levando em conta o papel da representação social como ferramenta para disputa política e de poder, assim como demonstrado por Serbena (2003), e o uso de um poder simbólico para manter a dominância de uma determinada camada da sociedade, é possível enxergar a homofobia como um fenômeno que está localizado dentro dessa determinada forma de processar e simbolizar algumas formas de se apresentar e existir socialmente.

Lançando o olhar para o campo do simbólico, aparecem imagens intrínsecas com o funcionamento do patriarcado, como regime dominante dentro da sociedade em que a cultura brasileira está inserida enquanto país e nação. E estas imagens muitas

vezes encontram-se estagnadas em determinada parte do desenvolvimento simbólico e, conseqüentemente, social, reproduzindo um tipo de modelo vigente considerado como seguro para a mentalidade patriarcal e responsável por manter estabilizado e imutável a situação psíquica daqueles inseridos nesse funcionamento.

David Tacey (1997) aborda a imagem da masculinidade e de seu funcionamento dentro da lógica patriarcal, assim como os fenômenos que cercam essa realidade simbolizada e a ascensão do feminino como resposta à falha do patriarcado. O autor fala sobre essa estagnação do desenvolvimento individual e coletivo comparando com a figura de Cronos-Saturno, o pai tirano que devora os próprios filhos, novas potencialidades, diante do medo de perder seu poder e soberania. Mas além dessa estrutura, Tacey (1997) comenta que apesar da figura de Cronos-saturno ainda assombrar e guiar parte do imaginário social sobre uma ideia de ordem e recusa daquilo que é novo, ao mesmo tempo, essa figura simbólica encontra-se ausente na organização social em que estamos inseridos. O autor aponta para esse tipo de funcionamento decadente do patriarcado, demonstrando como a ausência de uma figura paterna coletiva, devido aos cenários de desordem política, econômica e social, levam a uma tomada de ânimos relacionada com a fase matriarcal. Nesse tipo de movimentação, diante da falha do patriarcado, há uma tentativa de volta do matriarcado e das características relacionadas com o feminino, que encontrando obstáculos diante da resistência de mudança de mentalidade e regressão para uma fase anterior. É nesse tipo de cenário que é instituído um contraste e reação entre a recusa das figuras ligadas com o feminino, mas uma ascensão visceral de seus aspectos negativos por causa da falta de contato com esse tipo de conteúdo, que é rejeitado e relegado à sombra coletiva e individual.

Assim, grupos que ativamente pregam a separação entre gêneros, possuem uma grande rigidez e intolerância a diferentes sexualidades, posicionamentos políticos, filosóficos e de estilos de vida, muitas vezes são tomados pela falta de racionalidade, devido à ausência do Pai arquetípico, mas ainda o evocam para tentar justificar seus posicionamentos. Nesse tipo de movimento, os preconceitos e intolerâncias são defendidos a partir de lógicas circulares, estudos tendenciosos e teorias excludentes da diversidade existente nas diferentes formas de manifestação humana. Ao mesmo tempo, esse tipo de posicionamento é defendido de forma extremamente reativa e emocional, recusando enxergar os aspectos conflitantes e incoerentes de suas crenças e agindo de forma que beira o irracional, demonstrando uma espécie de tomada da mentalidade matriarcal e do feminino negativo que é, conscientemente, ativamente negado e relegado ao inconsciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa investigação possibilitou um vislumbre sobre a visão da sexualidade e dos papéis de gênero de uma amostra de pessoas, sua relação com a dinâmica psíquica e o processo de interação entre indivíduo e sociedade, como agentes que se modificam e integram mutuamente. Observando um funcionamento de sociedade onde a heteronormatividade ainda é colocada como padrão e soberana, investigar a forma como os indivíduos reproduzem ou se identificam com o status quo traz a abertura de discussão sobre quais são as bases para essa forma de organização e quais são as possibilidades de leitura e construção teórica que possam ser feitas para propor formas de modificar e desconstruir as limitações dessa estrutura excludente.

Foi observado que os participantes que obtiveram maiores pontuações de homofobia dentro da escala utilizada com instrumento, e apresentaram definições mais rígidas e limitantes para a idealização de família, normalidade sexual e papéis de gênero, tiveram uma maior constância de falas que apresentaram atribuições e conteúdos que podem ser ligados com os movimentos de uma recusa e projeção de características relacionadas com o feminino.

Sobre este último tópico, foi possível relacionar as questões sobre esse medo da feminilidade como um reflexo do conservadorismo presente dentro da mentalidade patriarcal, que baseia formas de exclusão e preconceito, e também mantém os indivíduos afastados do processo de integração da alma à consciência masculinizada. Diante dessa situação, observou-se que o processo de recusa do feminino dentro da psique individual e da psique coletiva, ocorre como sintomas de uma estruturação mal estabelecida, que não permite o manejo saudável de potencialidades complementares, precisando anular uma delas como forma de proteção do lado que se encontra no poder.

A partir dessa conclusão, alguns pontos precisam ser considerados sobre o presente trabalho, suas limitações e possíveis desdobramentos. Primeiramente, a ideia desta pesquisa debruçou-se sobre a investigação de significações acerca da homossexualidade masculina, a partir das crenças de sujeitos homofóbicos identificados como homens heterossexuais. Apesar de não ser a proposta inicial da investigação, que não se preocupava em delimitar as questões unicamente sobre homens gays ou bissexuais, foi um recorte que ocorreu devido ao fato de que os próprios entrevistados abordaram a homossexualidade majoritariamente como um termo referente à orientação sexual de um homem que se relaciona com outros homens. Esse recorte limita algumas das diversas possibilidades de interpretação e abordagem de temáticas que circundam a homossexualidade. É esperado que as significações sobre a homossexualidade e a homofobia variem de acordo com o recorte de gênero dos participantes entrevistados e do grupo cuja investigação é direcionada, devido os mecanismos de projeção e identificação. Ao olhar para as impressões sobre lésbicas, há outros tipos de recortes e considerações que precisam ser feitas, relacionadas

com a objetificação da mulher e a desigualdade de gênero ainda presente na sociedade patriarcal. Da mesma forma, é esperado que a homofobia partida de mulheres, pessoas de gênero-flúido, não binárias e etc, tenha também suas peculiaridades e impressões próprias ao recorte de acordo com suas identidades.

Por último, chama-se a atenção para a construção da própria teoria dentro da psicologia analítica e as produções voltadas para as questões de gênero e sexualidade.

Trazendo a crítica de David Tacey (1997) sobre o apelo de diversos profissionais da área da psicologia analítica de tentar resgatar um feminino ou um masculino fundamental, primitivo e “real”, é evidenciado que é preciso olhar para as novas possibilidades de construção de identidade e performance de gênero como um novo modo de integração entre o que é entendido como masculino e feminino. Compreender que parte do fundamentalismo e rigidez sobre gênero e sexualidade, encontrados na sociedade patriarcal, é presente dentro das rodas de discussão sobre essa teoria, é importante para que seja desconstruída essa lógica binária e conservadora sobre esses tópicos na hora de lidar com a subjetividade humana e as novas possibilidades de expressão. Esse tipo de proposta não binária traz uma projeção de solução para a crise colocada pela oposição entre funcionamento matriarcal e patriarcal, que ocorrem dentro da estruturação de uma sociedade heteronormativa e capitalista. Ao abraçar a ideia de um rompimento com as noções de gênero, sexualidade e estruturação familiar atuais, é possível ser quebrada uma das formas de controle dos corpos e da subjetividade encontradas e vigentes na sociedade contemporânea, permitindo que portas sejam abertas para novas formas de expressão e de produção a vida, além do que o sistema patriarcal, competitivo e capitalista coloca como norma.

É importante observar que esse tipo de movimento reacionário acaba ocorrendo por causa da desestruturação que é encontrada tanto na psique individual, quanto na coletiva. Diante de uma sociedade funcionando sob um sistema que traz diversas contradições e conflitos sem resposta, como na sociedade ocidental contemporânea, as situações de conflito político, instabilidade econômica, ameaça contra minorias e uma notável diferença de poderes entre classes sociais diferentes, a psique é muito propensa a se tornar mais fragilizada e desestruturada diante dos repetitivos cenários de conflito.

A compreensão deste movimento reacionário é incluída por Tacey (1997) como uma reação ao feminino arquetípico emergente implicando em uma mudança epocal. Ele demanda uma nova forma de compreender a sociedade, as relações interpessoais e a identidade pessoal, pois ele transforma as imagens arquetípicas do feminino nos homens e nas mulheres, questionando a ordem patriarcal vigente. Neste processo o medo do feminino e a homofobia surgem como um sintoma da angústia frente ao processo no qual a “masculinidade não deve ser erodida ou levada pela maré crescente do feminino, mas em vez disso ‘refeita’, reconstruída, e possível de se tornar o parceiro inteligente e autocrítico do novo feminino. Reformulado (- tradução livre - Tacey, 1997, p.1) Masculinity must

not be eroded or washed away by the rising tide of the feminine, but instead 'remade', reconstructed, and allowed to become the intelligent and self-critical partner of the new feminine reformation.

## REFERÊNCIAS

BRAUN, V. and Clarke, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, 3 (2), 2006, pp. 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. Civilização Brasileira, 2003.

CASTILLO, M. N. Q., Rodríguez, V. B., Torres, R. R., Pérez, A. R., & Martel, E. C. **La medida de la homofobia manifiesta y sutil**. *Psicothema*, 15(2), 2003, 197-204

DE SÁ, R. DEOLA, T. Reflexões sobre a questão da personificação na teoria da contra-sexualidade de Jung e a androginia psíquica na contemporaneidade. **CES Revista**. 33(1), 7-23, 2019. <https://seer.cesjf.br/index.php/cesRevista/article/view/2010>

EINSENDRATH, P. Y. **Gender and desire: uncursing Pandora**. Texas A&M University Press, 1997.

FRANZ, M. L. von. (1974). A Percepção da sombra nos sonhos. In Zweig, C., & Abrams, J. **Ao Encontro da sombra: o Potencial oculto do lado escuro da natureza humana**. (cap. 5, pp. 57-60). Cultrix, 1994.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade – A vontade de saber**. Graal, 1988.

HILLMAN, J. **Anima: a psicologia arquetípica do lado feminino da alma no homem e sua interioridade na mulher**. Cultrix, 2020.

HOPCKE, R. H. **Guia para a Obra Completa de C. G. Jung**. (E. Orth & R. Orth, Trans.). Vozes, 2011.

HOPCKE, R. H. **Jung, Junguianos e a Homossexualidade**. Siciliano, 1993.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da violência 2019**. IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019. <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/19/atlas-da-violencia-2019>

JUNG, C. G. (2011a). **Os Arquétipos e o inconsciente coletivo**. (Obras Completas de C. G. Jung, vol. IX/1.) Vozes, 2011a.

\_\_\_\_\_. (2011b). **O Eu e o inconsciente**. (Obras Completas de C. G. Jung, vol. VII/2.) Vozes.

\_\_\_\_\_. **A Natureza da psique**. (Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII/2) Vozes, 2011c.

\_\_\_\_\_. **Psicologia do inconsciente**. (Obras Completas de C. G. Jung, vol. VII/1.) Vozes, 2011d.

\_\_\_\_\_. **Símbolos da transformação.** (Obras Completas de C. G. Jung, vol. V.) Vozes, 2011e.

LEAL, B. S. & Carvalho, C. A. **Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar?**. E-Compós, 12(2), 2009. <https://doi.org/10.30962/ec.214>

MARINHO, C. D. A., Marques, E. F., Almeida, D. R. D., Menezes, A. R. D., & Guerra, V. M. **Adaptação da escala de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro.** Paidéia, 14(29), 2004, 371-379.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização.** Sociologias, (21), 2009, 150-182. <https://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008>

NEUMANN, E. **O Medo do feminino e outros ensaios sobre a psicologia feminina.** Paulus, 2000.

NUNAN, A. **Homossexualidade: do Preconceito aos padrões de consumo.** Caravansarai, 2015. [https://adriananunan.com.br/wp-content/uploads/2020/01/livro-homossexualidade-do-preconceito-aos-padroes-de-consumo\\_-\\_adriana\\_nunan.pdf](https://adriananunan.com.br/wp-content/uploads/2020/01/livro-homossexualidade-do-preconceito-aos-padroes-de-consumo_-_adriana_nunan.pdf)

PEREIRA, C. M e S., & SCHIMANSKI, E. **A Família homoafetiva na perspectiva dos estudos de gênero.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), 2012.

SAMUELS, A., SHORTER, B., & PLAUT, F. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana.** Imago, 1988.

SERBENA, C. A. **Imagário, ideologia e representação social.** Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC) V. 52, 2003.

TACEY, D. J. **Remaking men: Jung, spirituality and social change.** Routledge, 1997.

WHITMONT, E C. **A Busca do símbolo: Conceitos básicos de psicologia analítica.** Cultrix, 1990.

ZWEIG, C., & ABRAMS, J. **Ao Encontro da sombra: o Potencial oculto do lado escuro da natureza humana.** Cultrix, 1994.

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# PSICOLOGIA PÓS-JUNGUIANA E DEBATES CONTEMPORÂNEOS DE GÊNERO E SEXUALIDADE